

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras  
Doutorado em Estudos da Literatura

Rafael do Amaral Prudencio

**AS GLÓRIAS DE CATARINA**  
o Jogo da Montagem na Escrita de um Romance

Porto Alegre  
2025

Rafael do Amaral Prudencio

**AS GLÓRIAS DE CATARINA**

o Jogo da Montagem na Escrita de um Romance

Tese apresentada como requisito parcial à  
obtenção do título de doutor em Letras do Instituto  
de Letras da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.

Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes  
Coorientador: Antonio Marcos Vieira Sanseverino

Porto Alegre

2025

### CIP - Catalogação na Publicação

do Amaral Prudencio, Rafael  
AS GLÓRIAS DE CATARINA: o Jogo da Montagem na  
Escrita de um Romance / Rafael do Amaral Prudencio. --  
2025.

196 f.

Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes.

Coorientador: Antonio Marcos Vieira Sanverino.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2025.

1. Escrita criativa. 2. Processo criativo . 3.  
Futebol. 4. Literatura contemporânea. I. Bonturim  
Antunes, Carlos Leonardo, orient. II. Vieira  
Sanverino, Antonio Marcos, coorient. III. Título.

Rafael do Amaral Prudencio

**AS GLÓRIAS DE CATARINA**

o Jogo da Montagem na Escrita de um Romance

Tese apresentada como requisito parcial à  
obtenção do título de doutor em Estudos da  
Literatura do Instituto de Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Carlos Leonardo Antunes Bonturim  
Coorientador: Antonio Marcos Vieira Sanseverino

**Aprovado em:**Porto Alegre, 29 de janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA:

---

Dra. Karina de Castilhos Lucena  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. Frederico Dollo Linardi  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. Arthur Beltrão Telló  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem sempre me incentivado a estudar.

Ao Leo, por ter sido um orientador gentil e inspirador.

Ao Guto Leite, por ter me incentivado a começar a escrever ficção.

Ao Hugo Lorenzetti, por ter me passado um pouco de sua ousadia.

À Karina Lucena, por ter feito contribuições incríveis para este trabalho.

À Liz, à Ana Júlia e à Giovana pela amizade e parceria.

À Mari, por ter sido a melhor parceira e leitora que meu texto poderia ter.

Ao Fito, ao Yoshi e ao Veio, por trazerem alegria a minha vida.

Ao verdadeiro Catarina, que fez muito por esse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no âmbito da Escrita Criativa, apresenta o romance *As glórias de Catarina*, uma narrativa que explora o futebol e a vida na fronteira, bem como uma reflexão sobre o processo criativo composta de textos de gêneros variados, como testemunho, ensaio, plano de aula e cartas que investigam os impasses, desafios e soluções encontrados durante a escrita. Nesse sentido, influências de autores como Jorge Ben, Lydia Davis, Angélica Freitas, Leonardo Antunes são abordadas, bem como a interação pedagógica com uma aluna de escrita, referida como M. Esses elementos dialogam e enfatizam as incertezas e desvios naturais do processo criativo.

**Palavras-chave:** Escrita criativa. Processo criativo. Futebol. Literatura contemporânea.

## ABSTRACT

This work, developed within the framework of Creative Writing, presents the novel *As glórias de Catarina*, a narrative that explores soccer and life on the border, as well as a reflection on the creative process made up of texts from a variety of genres, such as testimonies, essays, lesson plans and letters that investigate the impasses, challenges and solutions encountered during writing. In this sense, influences from authors such as Jorge Ben, Lydia Davis, Angélica Freitas and Leonardo Antunes are addressed, as well as the pedagogical interaction with a writing student, referred to as M. These elements dialogue and emphasize the uncertainties and natural deviations of the creative process.

**Keywords:** Creative writing. Creative process. Soccer. Contemporary literature.

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 CARTA À ANGÉLICA FREITAS</b> .....	<b>13</b>
<b>3 JORGE BEN E A DINÂMICA DO JOGO NA MÚSICA BRASILEIRA</b> .....	<b>15</b>
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	15
3.2 E O MENINO QUE NÃO VOAVA, FELIZ DA VIDA GRITAVA: VOA JORGE, VOA JORGE.....	16
3.3 EU QUERO VER O QUE VAI ACONTECER .....	17
3.4 JOGA BOLA, JOGADOR, JOGA BOLA, CORONDÔ .....	21
3.5 UM PONTA DE LANCE AFRICANO, UM PONTA DE LANÇA DECIDIDO .....	22
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
<b>4 A LIGAÇÃO</b> .....	<b>27</b>
<b>5 A LEVEZA NO GESTO DE LYDIA DAVIS</b> .....	<b>28</b>
5.1 ITALO CALVINO E A LEVEZA .....	29
5.2 <i>NEM VEM</i> E O TRÂNSITO ENTRE OS DIFERENTES ESTILOS .....	30
5.3 A BREVIDADE.....	34
5.4 A CIRCULARIDADE CÔMICA E MELANCÓLICA .....	39
5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
<b>6 PLANO DE AULA: A CASA</b> .....	<b>42</b>
6.1 PRESSUPOSTOS.....	42
6.2 OBJETIVOS .....	42
6.3 DINÂMICA DE AULA .....	43
6.4 ENCERRAMENTO .....	44
6.5 ANEXO 1.....	44
6.6 ANEXO 2.....	45
6.7 ANEXO 3.....	45
<b>7 CARTA AO LEO</b> .....	<b>47</b>
<b>8 PORTÃO DA CASA DE URUGUAIANA EM FRENTE À BR, 1995</b> .....	<b>49</b>
<b>9 NOTAS SOBRE O PROCESSO CRIATIVO</b> .....	<b>50</b>
9.1 O INÍCIO, ANTES DO INÍCIO .....	51
9.2 O MÉTODO: A CONSTRUÇÃO DO JOGO .....	54
9.3 A ESCRITA COMO JOGO .....	55

<b>10 TEXTOS “A CASA” E “INVENTÁRIO DE MIUDEZAS”, ESCRITOS PELA MINHA ALUNA DE ESCRITA CRIATIVA M. ....</b>	<b>58</b>
10.1 A CASA .....	58
10.2 INVENTÁRIO DE MIUDEZAS .....	59
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>AS GLÓRIAS DE CATARINA.....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da minha pesquisa em Escrita Criativa e tem como objetivo apresentar um romance intitulado *As glórias de Catarina* e explorar o processo de criação dele. Tal narrativa toca em assuntos caros para mim, como o futebol, a vida na fronteira e as dificuldades da vida adulta. Ao longo desta tese, apresento um percurso não linear, feito de desvios, retornos e descobertas, permeado pelas minhas memórias na fronteira, pela influência de autores e experiências no ensino de escrita, que me ajudaram a pensar e estruturar este texto. Entre essas influências, destaco o cancionista brasileiro Jorge Ben, a contista norte-americana Lydia Davis, a poeta brasileira Angélica Freitas, o tradutor, poeta, professor e meu orientador Leonardo Antunes e minha aluna de escrita criativa identificada aqui como M.

A poesia de Angélica Freitas, especialmente sua abordagem sobre questões de identidade e experiência, foi fundamental para me ajudar a pensar não apenas no tema de *As glórias de Catarina*, mas também no próprio procedimento da escrita. Suas reflexões sobre o fazer poético, que muitas vezes misturam humor e crítica, me ajudaram a encarar a escrita como uma prática cotidiana, como um ofício que não pode ser apartado de seu contexto de produção.

As canções de Jorge Ben, por sua vez, permitem a reflexão sobre a imprevisibilidade de um jogador de futebol que encontra saídas para transitar entre a indústria cultural e para cantar, e esse mesmo espírito de improvisação e criatividade intuitiva permeou a minha escrita. O processo, muitas vezes, envolveu essa capacidade de driblar obstáculos narrativos, criando soluções no ato da escrita. Além do mais, para mim é uma alegria enorme escrever sobre um dos meus cancionistas preferidos – e que, em minha opinião nada imparcial, é aquele que mais representa o espírito boleiro dentro da literatura brasileira.

Já Lydia Davis me ajudou a pensar de forma mais expansiva sobre a escrita, especialmente na mescla de gêneros textuais. Sua capacidade de transitar entre o conto, a prosa poética e o ensaio literário me permitiram experimentar diferentes formas no romance. Além disso, sua escrita minimalista, que valoriza o não dito e o poder da sugestão, influenciou o tom de muitas passagens do romance.

Por fim, outro aspecto fundamental do meu processo criativo surgiu da interação com uma aluna de escrita, a quem chamo neste trabalho de M., que, ao trazer suas próprias dificuldades criativas, acabou por refletir as minhas. Nosso trabalho conjunto, ao tentar desbloquear seu processo de escrita, tornou-se também uma maneira de lidar com os meus próprios bloqueios. Essa relação entre professor e aluna, entre o eu e o outro, evidenciou a

dualidade do processo criativo, em que desbloquear o caminho para um também abre novos percursos para o outro.

Assim, este trabalho não se propõe a traçar um caminho simples ou direto, acabado e verdadeiro, mas sim fragmentado, que espelha as incertezas e reviravoltas do gesto criador.

## 2 CARTA À ANGÉLICA FREITAS

Cara Angélica Freitas,

Talvez você não se lembre de mim, mas nos cruzamos algumas vezes ao longo dos anos. A primeira vez foi em uma sala da Casa de Cultura Mário Quintana. Eu participava de um curso sobre Literatura Contemporânea Gaúcha, ministrado pelo professor Guto Leite, e você estava entre as autoras a serem lidas. Acho que era 2016. Eu estava na graduação em Letras, realizando o sonho de morar na capital, estudar em uma universidade de excelência, conhecer autores e pessoas interessantes. Na época, eu apenas nutria o desejo de escrever ficção, mas, em pouco tempo, passei a transformar o desejo em uma atividade cotidiana. Será que a leitura de *O útero é do tamanho de um punho* foi responsável por isso? Tenho quase certeza que sim.

A segunda vez que nos encontramos foi no Santander Cultural. Agora, diferente do primeiro encontro, você não era apenas um nome na lista de leitura, mas uma professora. Ao lado de outros autores e professores, você ministrava uma mini oficina de poesia. Acho que era 2017. Lembro que precisei escolher a dedo quais cursos faria, pois não tinha dinheiro para todos. Antes da sua oficina, participei de um curso sobre romance com Julián Fuks, romancista e ensaísta que admiro muito, mas que, na época, me assustou um pouco. Não sei se pela barba enorme, pelo tom de voz sério ou pelas inúmeras referências literárias que ele citava. Lembro que ele escrevia uma tese sobre o gênero romance, o que explicava os academicismos que ele retirava de sua longa barba. Escrever parecia algo muito difícil.

Contudo, a sua oficina foi diferente. Ela me fez relaxar e possibilitou que eu escrevesse os quatro exercícios propostos por você: o de escrita automática; o de descrever de um objeto e torná-lo significativo para mim; o de escrever um poema sobre uma pessoa, baseado no livro *27 poemas con nombres de personas: o un solo poema con 27 personas*, de Cecilia Pavón; e o de escrever um poema utilizando a estrutura “I remember”, baseado no livro *I Remember*, de Joe Brainard. Nessa oficina, você também destacou a importância de comprarmos um caderno vagabundo, um desses que a gente não tenha medo de usar. A partir de então, eu tive vários deles. Um mais horroroso que outro.

Talvez você nem imagine, pois os direitos autorais no Brasil são uma miséria, mas apresentei você a muitas pessoas queridas. E sabe, a maioria gostou muito de você, cada um por razões diferentes – pelo humor, pela aparente simplicidade ou pelas temáticas importantes envolvendo o lugar da mulher na sociedade.

A terceira vez que nos encontramos foi em uma aula do doutorado em Criação Poética, ministrada pelo professor Diego Grando, em 2021. Mais uma vez em uma sala de aula. Dessa vez, lemos e comentamos o texto que você escreveu em 2012 para a revista *Piauí*, sobre o seu processo criativo. Foi muito interessante saber como *O útero é do tamanho de um punho* nasceu da necessidade de organizar experiências e como você encontrou os meios para escrever seus poemas. Você recorreu às suas lembranças – como a viagem à Cidade do México, para acompanhar sua amiga, que contribuiu com a temática do seu livro; as canções que vocês faziam na infância para os gatos, que influenciaram o tom paródico de muitos de seus poemas; e as leituras de Kenneth Koch, que inspiraram o uso de estruturas definidas. Tudo muito inspirador para mim, um aluno que recém estava começando seu doutorado.

Além disso, admiro quando você destaca a necessidade de construir as condições de ritmo e trabalho para a escrita. Isso é essencial para sermos valorizados e para nos valorizarmos. Sabe, Angélica, tenho ministrado oficinas e aulas particulares de escrita, e muitos alunos, sentindo que escrever é um grande fardo, chegam bloqueados antes mesmo de entrar no jogo. Repito aquele seu primeiro exercício com eles. Eu mesmo, quando me sinto paralisado (e, após um governo Bolsonaro, uma pandemia e diversas crises de ansiedade, é impossível não se sentir assim), também o repito.

Talvez você não se lembre de mim, mas, como você pode perceber, eu me lembro.

Obrigado por tudo, Rafa.

Porto Alegre,

17 de abril de 2023.

## 4 A LIGAÇÃO

Meu telefone toca no começo da manhã. Ainda estou de pijama, tomando meu café, prestes a começar a trabalhar. A voz do outro lado se desculpa por ter ligado “assim, do nada”, apresenta-se como M. e diz que precisava escutar a minha voz. Em seguida, revela ter conseguido meu contato com J., uma grande amiga, que “vem falando maravilhas” sobre mim. M. quer saber sobre as minhas aulas de escrita.

Explico que cada encontro parte de um texto teórico ou literário e, a partir do que eles oferecem, eu elaboro algumas propostas de criação. Assim que termino de falar, sinto que fui muito formal, como se tivesse decorado a ementa de um curso, e não criado um primeiro vínculo de intimidade e confiança tão necessário nesse tipo de relação.

Em seguida, revelo que muitas de minhas propostas têm a ver com questões que me deparo durante a escrita e que as aulas me ajudam também a escrever meus próprios textos. M. confessa a razão que a levou a me procurar: a perda de um companheiro, a missão de escrever quarenta textos no facebook tratando sobre as quarenta viagens que eles fizeram juntos, o bloqueio criativo que a acometeu. Combinamos uma aula inicial. Sinto que não deveria ter aceitado, mas preciso do dinheiro. Não é só isso. Nos últimos tempos, tenho sofrido do mesmo bloqueio, da mesma dificuldade de começar.

Escrever nunca é um gesto solitário. Aprendi isso como aluno, pesquisador e professor. Escrevi apenas um livro e em cada texto que o compõe eu tive a presença de alguém — um professor de escrita, de quem guardei um comentário sobre micro cenas dentro de um sumário; um colega de oficina, que leu e me apontou excessos de adjetivos; um autor que escreveu sobre um tema sério com a leveza com que eu gostaria de ter escrito; um aluno para quem eu precisava escrever um parecer crítico e que me fazia dar conta do que eu ainda não havia me dado.

Durante a escrita da tese, ministrei uma série de oficinas literárias, online e presencial, para crianças e universitários, e só recentemente chegou até mim um novo público, composto de pessoas comuns, com mais idade e com o desejo de contar histórias. Mas M. não é apenas um exemplo que muitas vezes nós, professores e pesquisadores, usamos para refletir sobre o ensino. M. é uma parceira de crime. A partir daquela ligação, é com ela que, uma vez por semana, as tramas começam a acontecer.

## 6 PLANO DE AULA: A CASA

### 6.1 PRESSUPOSTOS

Esta aula foi concebida para proporcionar um primeiro contato com a escrita criativa, tendo como temática central a casa. A proposta baseia-se nas reflexões de Gaston Bachelard (1996) em *A poética do espaço*, em que o autor francês explora a casa como um lugar privilegiado para a imaginação e a memória, um espaço íntimo que acolhe as histórias do indivíduo que o habita. Para Bachelard, a casa é mais que um simples abrigo físico: é um refúgio da alma, o local onde o ser humano tece suas narrativas mais profundas e íntimas, transformando o espaço em memória e emoção.

As atividades da aula também se inspiram no jogo de videogame *What Remains of Edith Finch*, que apresenta a história da única sobrevivente de uma família, que caminha pela casa e revive histórias do passado. Tal jogo faz parte do gênero *walking simulator*, conhecido por seu caráter imersivo, com foco na exploração e na construção da narrativa por meio da interação com o ambiente. Assim, a aula será conduzida em formato de oficina, incentivando os alunos a criarem textos literários a partir de memórias evocadas pela imagem e vivência de uma casa.

Para enriquecer essa experiência, trechos de “Meus avós em ruínas” (2018), da escritora brasileira Carol Bensimon, serão lidos e discutidos. O texto aborda a complexidade da autora em lidar com a herança emocional e física de um apartamento, e servirá como ponto de partida para reflexões sobre o espaço da casa como um lugar de afeto, mas também de conflito e mudança.

### 6.2 OBJETIVOS

Os objetivos da aula são:

- Estimular a escrita a partir de memórias afetivas;
- Reconhecer a importância do espaço da casa para a literatura;
- Incentivar a leitura do próprio texto em voz alta;
- Proporcionar um ambiente de crítica a partir dos exercícios produzidos em aula;
- Trabalhar de maneira orgânica as instâncias narrativas de narrador, personagem, tempo e espaço.



## 6.3 DINÂMICA DE AULA

A atividade está planejada para uma aula de uma hora e meia, dividida nos seguintes momentos:

### 1. A Entrada na Casa

O professor iniciará a aula propondo o seguinte exercício: “Descreva o exterior de uma casa com a qual você tenha alguma ligação”. A aluna terá entre cinco e oito minutos para escrever. Em seguida, ela deverá ler o exercício em voz alta, e o professor fará observações sobre o texto. O objetivo dessa atividade é imergir a aluna no tema central da aula: a casa. Inspirado nos jogos do gênero *walking simulator*, o professor explicará como, nesses jogos, o jogador constrói a narrativa ao interagir com o ambiente. Como exemplo, o professor exibirá o trailer do jogo *What Remains of Edith Finch*, no qual a protagonista explora uma casa familiar, conectando-se a diferentes histórias ao interagir com os cômodos e objetos. Em seguida, o professor projetará o início do texto “Meus avós em ruínas”, de Carol Bensimon, e proporá uma leitura em voz alta dele. Espera-se que essa primeira atividade provoque uma reflexão sobre a casa como um dispositivo que evoca memórias e emoções.

### 2. Os barulhos e os cheiros

Neste momento, o professor apresentará a seguinte proposta de escrita: “*Caminhe pela casa. Quais são os barulhos que ela faz? Quais são os cheiros que ela tem?*”. Em seguida, ela deverá ler o exercício em voz alta, e o professor fará apontamentos sobre o texto.

### 3. Os cômodos e objetos

Neste momento, o professor deverá propor a leitura e discussão do trecho do texto de Carol Bensimon que mostra a relação afetiva entre os lugares e objetos do apartamento (anexo 1). Em seguida, o professor deverá apresentar a seguinte proposta de escrita: “*Abra as gavetas, armários, manuseie roupas, livros, objetos e cômodos antigos. Quais foram os seus achados? O que eles evocam em você?*”.

### 4. Os personagens

Neste momento, o professor deverá propor a leitura do trecho do texto (anexo 2) que mostra as pessoas que viveram no apartamento que ela herdou. Em seguida, o professor

apresentará a seguinte proposta de escrita: “*Quais são as pessoas que estiveram na casa? Como você se lembra delas?*”. Da mesma forma que nas outras atividades, a aluna terá cinco minutos para realizar o exercício e em seguida terá um momento de leitura em voz alta e discussão do texto.

## **5. A construção de um inventário**

Por fim, o professor deverá propor a leitura do trecho do texto (anexo 3) em que a autora menciona a obra *O museu da inocência*, de Orhan Pamuk, em que o personagem principal, não lidando com a perda de uma prima, constrói um museu em homenagem a ela. Em seguida, o professor apresentará a seguinte proposta de escrita: “*Construa o seu museu da inocência. Catalogue alguns de seus objetos e faça pequenos comentários afetivos sobre eles que evoquem lembranças de momentos e pessoas*”.

### 6.4 ENCERRAMENTO

Por fim, o professor pedirá à aluna que reúna os exercícios e os leia em voz alta. Espera-se que ela perceba a importância de cada um e como, por meio deles, uma série de elementos sensoriais foi trabalhada a partir de sua interação com a casa.

### 6.5 ANEXO 1

Vou andando lentamente pelos cômodos. Há muitos armários para abrir e algo que é sempre deixado para trás, por mais que se tente esvaziar o lugar de todos os vestígios de outros tempos. Cabides, um pote de sal, um desenho feito por um colega de faculdade da minha tia, em que a Mafalda chama um cassetete de “borracha de apagar ideologias”. Me lembro de quando esse desenho estava pendurado na parede e de quantos anos demorei para entendê-lo. Na sacada estreita, os tocos secos de azaleia ainda não foram retirados das floreiras. O pó que cobre o chão da sala parece vir da poluição lá de fora. Entra pelas frestas das janelas e se acomoda no piso como uma película protetora. É bem menos pó do que quando havia pessoas ali o tempo todo, desprendendo, lenta e imperceptivelmente, seus minúsculos pedaços de pele morta. O apartamento está fechado há cinco anos.

## 6.6 ANEXO 2

O último dia em que o apartamento da Duque de Caxias foi habitado foi 12 de agosto de 2013. Naquela tarde, levaram meu avô em uma ambulância enquanto ele sofria o que o médico mais tarde iria definir como uma série de pequenas isquemias cerebrais, que o tornaram agressivo, assustado e incontrolável por intermináveis horas. Ele tinha Alzheimer, mas andava calmo, estável, quase catatônico. Viveu o que poderíamos chamar de uma boa vida. Depois do imenso trauma – a expulsão do Egito –, sobre o qual ele mal falava, fincou os dois pés neste novo país, ascendeu socialmente exportando madeira brasileira para outros continentes, viajou muito e tirou fotografias em cruzeiros e diante de prédios espelhados em Houston, Texas, usando o que parecem ser trajes de tenista. Apesar das viagens, passou quase toda a vida sentado. Então não me surpreende que, diferentemente de tantos velhinhos e velhinhas com Alzheimer, Elie Bensimon nunca tenha tentado fugir de casa. É assim, praticamente imóvel, que me lembro dele: sentado no banco comprido do Landau, sentado na cama enquanto assistia a um filme do Charles Bronson, sentado na poltrona Eames com um copo de uísque na mão.

## 6.7 ANEXO 3

Um dos romances mais célebres de Orhan Pamuk, *O Museu da Inocência*, narra o amor obsessivo do abastado istambulense Kemal Basmaci por sua prima Füsün. Após acontecimentos trágicos, Basmaci dedica o resto da vida à construção de um museu em homenagem à amada. Esse museu agrega coisas como 4 213 bitucas de cigarro organizadas por data de uso, dezenas de chaves, pequenos cachorros de porcelana, pães mordidos e algumas escovas de dente. James Lasdun, em uma resenha sobre o livro para o jornal britânico *The Guardian*, escreveu: “Os furtos compulsivos, assim como o museu propriamente dito, foram com certeza uma inspirada versão da ideia proustiana de tempo recuperável.” [...] Orhan Pamuk tem ideias bastante interessantes sobre museus e o futuro dessas instituições. Em um artigo também publicado no *Guardian*, o romancista defende que os novos museus deveriam se preocupar menos com a história das nações e mais com o ordinário e as trajetórias dos indivíduos. Pamuk sugere que estamos cansados desse tipo de narrativa que vemos em grandes museus – social, comunitária, nacional – e que os percursos pessoais são muito mais reveladores de nossa humanidade. Uma analogia literária, segundo o escritor, oporia o épico (museus

monumentais) e o romance (museus centrados em indivíduos). “O futuro dos museus está dentro de nossas próprias casas”, enfatiza Pamuk ao final do artigo.

## 7 CARTA AO LEO

Leo,

Aqui está a última versão do romance. Cortei muita coisa, tirei tudo que era “sebo”, e incluí algumas histórias que achei relevantes. O principal foi reescrever cada fragmento. Nenhum deles está igual ao da primeira versão, como você vai perceber. Acredito que já tenha material suficiente para contar uma boa história.

É possível que o romance ainda tenha problemas que só uma leitura cuidadosa como a sua poderá identificar. Mesmo assim, algumas pontas soltas foram mantidas de propósito, pois elas também ficam em aberto para o próprio personagem. Da outra vez, a banca me ajudou e consegui amarrar o que está solto e até escrevi um livro, lembra?

Estou consciente de que as temáticas envolvendo futebol, vida na fronteira e as crises existenciais do narrador talvez não sejam tão atraentes para o mercado literário ou para um público mais amplo. Talvez o maior desafio tenha sido justamente dar um atrativo à história, sem desviar daquilo que me propus a escrever. Mas, sinceramente, não sei se consegui isso. Outro desafio foi continuar escrevendo em momentos que tudo parecia mais importante que escrever, como nos primeiros meses da pandemia ou no mês em que nosso estado sofreu com enchente.

Ainda assim, fique tranquilo, não foi um processo sofrido. Talvez isso aconteça porque eu não coloco a escrita no pedestal que muitos de nossos colegas colocam. Continuo escrevendo como se estivesse em uma oficina, com disciplina, ouvidos atentos, os pés no chão, sem a pretensão de ter reinventado a roda. Até porque, se eu acreditasse nisso – escrevendo um romance tão inspirado em Lydia Davis, Twin Peaks, Community e até The Legend of Zelda: Link's Awakening – eu seria um embuste, né?

Optei por te entregar esta segunda versão impressa, mesmo sabendo que talvez você preferisse por e-mail. Mais do que um cumprimento formal de um prazo, entregar em mãos parece mais adequado, considerando a relação de respeito, admiração e cumplicidade que a gente vem construindo ao longo dos anos.

Espero que você goste da parte teórica do trabalho, que está quase pronta e um pouco diferente do que você já leu – mais enxuta, simples e sincera.

Obrigado por ter sido esse leitor tão presente – o leitor-ideal sobre o qual, em meu Trabalho de Conclusão de Curso, eu tanto refleti.

ps:

Também queria, quando possível, marcar um café ou uma cerveja. Preciso de conselhos, já que me encontro numa encruzilhada – estou prestes a terminar o doutorado e não sei bem o que fazer depois. Mas não se preocupe muito com isso, esse é o assunto menos relevante nesse momento.

Com carinho,

Rafa.

Porto Alegre,

26 de setembro de 2024.

**8 PORTÃO DA CASA DE URUGUAIANA EM FRENTE À BR, 1995**



## 9 NOTAS SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

Antes de se tornar o título do meu romance, *As Glórias de Catarina* era o nome de um falso documentário que eu costumava imaginar sobre um jogador de futebol de várzea aposentado. Embora todos se lembrassem dele como alguém formidável, sua única conquista foi ter *quase* saído da cidade devido ao *suposto* interesse de um time estrangeiro. Na minha cabeça, esse documentário consistiria em entrevistas com pessoas em bares de uma cidade do interior – lugares que sempre me fascinaram.

Apesar de orbitar meus pensamentos, Catarina fez sua primeira aparição real em um dos contos do meu livro *Algo se perdeu no meio da noite* (2024), onde sua promissora carreira no futebol foi interrompida por conta de sua melancolia. Tanto no conto quanto no romance posterior, Catarina é um personagem ausente, da linhagem de Barteby e de Godot, revelado apenas pelos olhares daqueles que o viram jogar – uma lenda contada em sussurros e exageros.

Embora o personagem do conto e do romance não fosse inicialmente uma representação de mim, Catarina acabou se tornando o apelido que ganhei dos colegas no cursinho pré-vestibular, para me diferenciar de outro Rafael. Esse apelido me colocava automaticamente como “alguém de fora”. Curiosamente, apesar do apelido, eu não nasci em Santa Catarina; apenas morei na cidade litorânea de Araranguá durante a adolescência. Na verdade, nasci em Uruguaiana, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Minha chegada a Porto Alegre trouxe outra revelação: eu jogava futebol. Meus colegas do cursinho logo descobriram isso. É bem possível que eu tenha me vangloriado com histórias de meu passado boleiro, até mencionando que “quase cheguei lá”, em um tom sério, deixando as pessoas na dúvida se eu estava brincando ou não. Esse jogo entre o sério e o cômico, o exagero e o real, sempre permeou minhas histórias. Isso se revelava no semblante de incredulidade por parte de quem não me viu jogar<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A título de exemplo, no posfácio escrito por Leonardo Antunes para o meu primeiro livro, há a seguinte passagem: “[...], mas ele quer que eu escreva o posfácio para o livro de estreia dele. Talvez eu tenha de falar alguma coisa sobre o Catarina? O Rafa está escrevendo um romance sobre esse personagem como parte do doutorado dele. E o Catarina já estava aqui, de forma embrionária. O Catarina, é claro, remete a futebol, e o Rafa sempre diz que quase virou jogador profissional antes de ir para a faculdade e decidir que queria ser escritor. Só que eu não entendo nada de futebol, ainda que tenha vencido o Rafa uma vez no Fifa Soccer. Aliás, essa história do Rafa quase ter sido jogador de futebol é muito suspeita. A gente saiu uma vez para correr na Redenção e ele quase morreu tentando me acompanhar, eu que sou ex-gordo e não tenho preparo físico nenhum. Será que o Rafa mentiu para todo mundo sobre ter jogado bola. Eu sei que o Rafa tem um humor muito peculiar, do tipo que consegue manter uma ironia por muito tempo. E eu não tenho o menor senso para ironia. Outro dia, a gente estava falando sobre isso, porque de novo eu perguntei ‘É mesmo?’ quando alguém lançou algum *nonsense* no meio de uma conversa e eu já ia acreditando. ‘Meu instinto é sempre acreditar que as pessoas estão falando sério’, eu disse. ‘Meu instinto é sempre achar que estão mentindo’, disse o Rafa. Consigo imaginar o Rafa inventando que jogou bola quando novo, só de brincadeira um dia, mas aumentando a história mais e mais a cada vez que alguém perguntava sobre o assunto, só



Com o tempo, deixei de conviver com esses colegas de cursinho e o futebol foi ficando para trás. Contudo, o desejo de reviver esse passado ressurgiu quando, em meados de 2017, organizei um jogo com o pessoal do curso de Letras, que deu origem ao glorioso Sport Club Saussure. O time, formado por colegas e professores, durou apenas três meses. E terminou com a seguinte frase, dita por um colega após uma falta cometida por mim:

— Se tu me encostar de novo, te cago a pau.

Essas palavras selaram o fim do Sport Clube Saussure, mas não do futebol em minha vida, pois ele acabou ressurgindo em um momento em que pensar no passado era muito melhor que pensar no presente.

## 9.1 O INÍCIO, ANTES DO INÍCIO

Quando me inscrevi para o doutorado, eu tinha me proposto a escrever uma narrativa longa. Apesar de saber que não era fácil, não achei que teria tantas dificuldades e que ela sofreria tantas modificações. Como deve ser para todo escritor, a história do meu romance nasceu antes de ser escrita. Por trás da página em branco e do cursor piscando, havia uma ideia pulsando na mente, anotações em um caderno velho e vagabundo e frases soltas no bloco de notas do celular, além de uma conversa casual:

— E se eu escrevesse um romance sobre um homem do interior caminhando em uma cidade grande?

Essas palavras, ditas ao meu orientador enquanto saíamos de um curso de extensão que organizamos juntos, me levaram a esboçar um projeto de doutorado sobre o espaço urbano, Baudelaire e o *flâneur* do século XXI. Comecei a ler diversos livros sobre literatura de

---

para ver até onde conseguiria levar a coisa, só para ver quanto tempo levaria para alguém perceber que ele estava de sacanagem. Mas ninguém percebeu ainda. E ele foi fazendo contos sobre futebol, para manter a piada. Ia fazer um doutorado sobre o espaço urbano, Baudelaire e o *flâneur* dos dias de hoje, mas decidiu recuperar o Catarina e escrever sobre futebol, para manter essa história sem pé nem cabeça de ter jogado bola quando moleque (Prudencio, 2024, p. 137-138).

caminhada e imaginei um personagem interiorano descobrindo histórias e personagens na cidade, assim como eu fiz ao sair do interior para a capital.

Entretanto, ao longo da escrita do projeto, percebi que me distanciava daquela narrativa inicial, como se ela já não me pertencesse.

A conversa com o meu orientador foi em 2019; a submissão do projeto, no ano seguinte, um momento terrível para todos nós. Era o início da pandemia, as pessoas estavam morrendo e a simples atividade de caminhar se tornara sofrida, quando não impossível. Além do mais, vivíamos a desgraça do governo de extrema direita do Bolsonaro. Essa péssima combinação fazia com que um sentimento de impotência tomasse conta de todos.

Eu estava na casa dos meus pais, em Santa Catarina, um lugar do qual sempre quis escapar quando jovem, mas agora não sabia por quanto tempo permaneceria ali. Gradualmente, a ideia inicial começou a se transformar:

— E se eu escrevesse uma história que se passasse no interior?

Essa foi a pergunta que passei a me fazer. Na época, meus pais tinham comprado uma escrivaninha para que eu pudesse me sentir mais confortável para escrever. Foi nela que terminei de escrever minha dissertação sobre o papel das oficinas literárias, seguido de uma versão do que se tornaria meu livro de contos. Foi nela também que comecei a escrever o projeto sobre literatura de caminhada.

Enquanto trabalhava nele, um objeto específico na parede do meu quarto me chamou a atenção: uma chuteira pendurada. Até então, não tinha prestado atenção nela, mas a verdade é que ela sempre esteve lá.

Devo dizer que meus pais são acumuladores, e nossa casa é permeada desses objetos do passado carregados de histórias.

Não era uma chuteira qualquer, mas sim a primeira que calcei. Ao lado dela, um conjunto robusto de medalhas de campeonatos representavam um passado glorioso. A chuteira, que já não cabia mais em mim, servia como um lembrete de quem eu fui e, talvez, de quem poderia ter sido.

— E se o futebol entrasse no romance?

Não fiz essa pergunta ao meu orientador, pois sabia que ele poderia não gostar da ideia.

A nova história. Ela não se passaria em Porto Alegre, mas sim em uma cidade do interior. Também não seria sobre um caminhante na capital descobrindo um mundo novo, mas sim sobre um homem no interior redescobrendo um mundo conhecido.

A princípio, pensei em situá-la em Araranguá, mas decidi que ela deveria se passar em Uruguaiana. Creio que essa decisão se deu por conta de a cidade da fronteira ser de onde vim. Além do mais, me pareceu melhor ambientar minha narrativa em um lugar que parece sempre à beira de algo – entre dois mundos (Argentina e Brasil) e dois tempos (um passado glorioso e um presente decadente).

A partir de então, fui tomado por lembranças nostálgicas de uma época em que jogava futebol na rua, morava em um bairro perigoso, perto da BR, e passava horas na locadora do Seu Roberto. Também me recordei dos ensaios da escola de samba local, da escola municipal que ficava dentro de uma vila militar e das viagens à Argentina para comprar pacotes enormes de bolachinhas sortidas.

Assim, o romance renasceu, promovendo a intersecção entre futebol e literatura. Esse encontro, que vivi na infância e na adolescência, pode ser simbolizado pela imagem de um jovem Rafael segurando um livro dentro de um ônibus a caminho de uma partida de futebol. Com o tempo, essa faceta foi ficando no passado, talvez pelo receio de admitir meu amor pelo futebol entre colegas e professores de Letras. Mas esquecer algo que nos marcou não é tão fácil assim.

Esse sentimento de retorno ao que parecia perdido dialoga com as reflexões de Ricardo Piglia em *O sujeito trágico e a psicanálise*. Nesse texto, Piglia aponta que, em tempos de crise generalizada da experiência, a psicanálise oferece uma narrativa épica da subjetividade, revelando uma versão intensa e sombria do passado pessoal. Essa abordagem atrai porque todos buscamos uma vida significativa; em meio à nossa existência cotidiana e secular, somos tentados a acreditar que, em algum lugar profundo, vivemos grandes dramas. A psicanálise nos apresenta como sujeitos trágicos, com desejos profundos e extraordinários, que enfrentam tensões e dilemas complexos. Isso exerce um fascínio, pois nos oferece a possibilidade de sermos algo além de nossa aparência comum (Piglia, 2004, p. 52). Piglia nos lembra que somos, ao mesmo tempo, o que somos e algo mais – sujeitos de intensos desejos e experiências profundas.

De maneira complementar, David Mamet, em *Os três usos da faca*, reflete sobre a maneira humana de dar significado a fenômenos impessoais. Para Mamet, dramatizamos eventos como o clima ou o trânsito, utilizando exagero, ironia, inversão e projeção do dramaturgo para interpretar situações emocionalmente significativas. Ao reordenar, expandir

ou condensar acontecimentos, conferimos a eles um sentido pessoal, tornando-nos protagonistas do drama particular que acreditamos ser nossa própria vida (Mamet, 2001, p. 11).

A verdade é que Piglia e Mamet influenciam minha forma de entender a literatura, tanto como professor quanto como escritor – papéis que muitas vezes se entrelaçam. Assim, a chuteira pendurada na parede deixa de ser um simples objeto impessoal, tornando-se um gatilho criativo que me fez reconhecer a mim mesmo como o herói de um drama pessoal, um drama compartilhado por muitos, especialmente aqueles que nasceram em cidades pequenas. Contemplar aquela chuteira ao lado de minha mesa de trabalho foi bastante simbólico. Naquele momento, foi como se escutasse a minha própria voz dizendo:

— Escolhe um objeto e escreve a tua história com ele.

Antes de retornar à Porto Alegre, peguei a chuteira da parede e coloquei-a em minha mala. De tempos em tempos, eu levava alguma coisa do meu passado para o meu presente. Já tinha feito isso com os controles e as fitas do meu mega drive. A essa altura, a pandemia tinha sido normalizada, as pessoas começaram a sair à rua, uma tia minha muito amada faleceu de Covid, as vacinas lentamente começaram a chegar, eu já tinha terminado minha dissertação e estava pronto para defendê-la. Em Porto Alegre, imito meus pais e penduro a chuteira na parede. Apesar de ser uma chuteira muito pequena, sinto que preciso vesti-la. A essa altura, estou prestes a entrar em campo.

## 9.2 O MÉTODO: A CONSTRUÇÃO DO JOGO

Todas essas mudanças foram decisivas, mas ainda era preciso encontrar uma maneira de contar essa história. Apesar de ter participado de diversas oficinas, sempre escrevi contos, e encarar um romance era percorrer uma via completamente desconhecida. Tal experiência me lembra quando troquei o futebol de salão pelo futebol de campo e foi preciso me adaptar às diferenças.

Minha única tentativa de escrever um romance ocorreu na oficina do professor Assis Brasil, em 2019, em que tínhamos a tarefa de planejar um romance linear. Lembro que defini um narrador em terceira pessoa, elaborei fichas de personagens e escrevi a sinopse de uma narrativa sobre um zelador que recebeu uma proposta irrecusável para matar um jovem que não conseguia adaptar-se à cidade. Em seguida, escrevi em forma de lista as cenas do romance.

Embora eu tenha cumprido a tarefa, não me adaptei à ideia da escrita como um trabalho tão racional.

Contudo, vejo nessa experiência dois aspectos positivos: o primeiro, o fato de eu ter certeza como eu não gostaria de trabalhar; o segundo, o fato dessa narrativa apresentar as tensões entre indivíduo e cidade, também presentes em meu livro de contos e em meu romance. O jovem que pedira para morrer era eu, o assassino era Bernabé, o zelador do meu prédio.

Decidi, então, buscar um outro caminho, algo que fosse guiado pelos meus passos ou pelos passos daqueles que eu gostaria de seguir. Depois de mudar o espaço da narrativa, alterei o narrador de terceira por um de primeira, incluindo conflitos que me pertencem sempre que vou a uma cidade do interior ou de fronteira: e se eu ficar preso aqui?

Nesses momentos, lembro de um romance<sup>2</sup> que li na adolescência em que uma cidade é tomada por uma redoma invisível. Também lembro de um jogo<sup>3</sup> que eu costumava jogar no Game Boy do meu amigo Lutieri (o único da rua a ter um Game Boy) em que um personagem acorda em uma ilha misteriosa e precisa resolver enigmas para sair dela. Em ambas as obras há personagens tentando encontrar um meio escapar de um ambiente que os aprisiona.

Por fim, passei a refletir sobre Catarina, o personagem do documentário, do conto e do cursinho pré-vestibular, que eu insistia que não era inspirado em mim. Transferindo informações autobiográficas para Catarina, acabei por construí-lo como um *alter-ego*. Contudo, ao longo da escrita passei a perceber que não apenas Catarina refletia partes de mim, mas também o próprio narrador.

Essa aproximação com narrativa me fez revisitar meu passado, mostrando-me quais foram os impactos do futebol em minha vida, um pouco da minha experiência vivendo na fronteira e as personagens peculiares que passaram pela minha vida. Inevitavelmente, outras questões surgiram como a violência naturalizada, a impotência e a fragilidade dos homens, exemplificadas pelos homens no bar e pelo próprio narrador.

### 9.3 A ESCRITA COMO JOGO

A leitura do texto *O gol fatal*, de Pier Paolo Pasolini (2005), contribuiu para que eu avançasse, pois me fez enxergar a escrita como um jogo e me trouxe o prazer que eu já não sentia ao escrever. A partir célebre distinção do autor entre “futebol de prosa” e “futebol de

---

<sup>2</sup> *Sob a redoma* (2012)

<sup>3</sup> *The Legend of Zelda: Link's Awakening* (1993)

poesia”, comecei a reconhecer essa divisão nos autores que admirava e me colocar ao lado deles. Esse pensamento me fez repensar meu processo criativo, atraído pela liberdade do “futebol de poesia”, no qual a escrita pode ser feita de dribles e improvisos.

Evocando as reflexões de Sigmund Freud, que compara o escritor criativo a uma criança, podemos entender a escrita como uma transposição lúdica da realidade: “Toda criança brincando se comporta como um poeta, criando seu próprio mundo” (Freud, 2017, p. 55). Nesse mesmo espírito, Jean-Luc Godard (2007) menciona “O prazer da criação ou do parto” (*Ibid.*, p. 15, tradução nossa)<sup>4</sup>, enfatizando que, embora o processo criativo possa ser doloroso, o prazer final é comparável ao ato de cozinhar ou fazer um gol. Ao ser questionado se o prazer é o mesmo ao rodar um filme, Godard responde que sim, mas ressalta a natureza coletiva da criação: “É preciso que seja um pouco compartilhado” (*Ibid.*, p. 15, tradução nossa)<sup>5</sup>. Ele também faz uma analogia entre filmar e passear com amigos: “Às vezes, eu começo um filme como quem sai para um passeio” (*Ibid.*, p. 15, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Já Johan Huizinga, em seus estudos sobre o jogo, sugere que o ato de jogar cria uma realidade autônoma, capaz de transcender a vida cotidiana e proporcionar alegria e excitação. Ele ressalta que “os jogos infantis, o futebol e o xadrez são executados com a mais profunda seriedade” (Huizinga, 2019, p. 7), e que “as crianças brincam porque se divertem, e é precisamente nesse fato que reside sua liberdade” (Huizinga, 2019, p. 7).

A liberdade que passou a surgir em meu processo criativo, no entanto, não se deu de maneira mágica; ela é resultado de um esforço contínuo, disciplinado e apaixonado pela literatura. Todos os dias, escrevo pela manhã, quando o frescor do dia e a energia renovada tornam a escrita prazerosa e, ao mesmo tempo, desafiadora. Após meus rituais matinais – tomar café, alimentar meu gato, ler fofocas de famosos na internet –, sinto-me preparado para mergulhar no ato criativo.

Cada fragmento do texto nasce de forma isolada, antes de se conectar ao todo. A diversidade de gêneros que consumo, como textos jornalísticos e publicitários, influencia diretamente essa dinâmica. Eles entraram deliberadamente no romance, brincando com a estrutura de “show do intervalo” das tardes de futebol de domingo da Globo, interrompendo a narrativa como as propagandas interrompem o jogo, ao mesmo tempo em que revelavam as paranoias do narrador, explorando questões fundamentais que habitam sua mente.

---

<sup>4</sup> le plaisir de la création ou de l'enfantement.

<sup>5</sup> Il faut que ce soit un peu partagé.

<sup>6</sup> Parfois, je pars pour un film comme en promenade.

O trabalho com o resgate das minhas memórias, sejam elas reais ou inventadas, justifica a falta de completude e de linearidade presentes no livro, algo que desde sempre apreciei assistindo aos filmes de David Lynch. Nesse sentido, a montagem, entendida como um trabalho *a posteriori*, torna-se um momento essencial na escrita, representando uma “libertação”. Esse processo permite contar uma história na qual planos distintos, mas interconectados, são responsáveis por construir uma nova realidade. Depois terminar a escrita, imprimi cada fragmento, coloquei-o no chão de meu apartamento e construí a ordem que mais me pareceu fazer sentido.

Por exemplo, ao incluir um trecho quase integral de *Família Dinossauro*, com a única modificação de trocar o “você” por “tu”, seguido por um fragmento sobre o Bar do Joca, percebo diferentes intenções. O primeiro texto aborda, com leveza e humor, questões sociais ligadas ao trabalho e ao álcool como fuga. Já o segundo adiciona um componente dramático ao retratar homens que se esquivam da realidade frequentando bares, um espaço comum nas cidades do interior. Outro exemplo envolve um fragmento em que o narrador, caminhando pela rua, para em um bar na esquina e é transportado para outro tempo. No parágrafo seguinte, uma nova cena retrata as peladas sérias jogadas em terrenos baldios.

Um dos maiores desafios, no entanto, foi organizar os fragmentos. Embora quisesse fugir da linearidade, às vezes acabei caindo em minha própria armadilha e construindo fragmentos lineares. Contudo, na maioria das vezes, pensei em um tipo de ordem regido pela temática. Esse método me ajudou a manter alguma coerência durante a montagem. Ainda assim, o maior obstáculo foi decidir como finalizar a narrativa.

Na primeira versão do romance, optei por um final que espelhava o início, com o narrador deixando a cidade. Na segunda, o encerramento se dava com um trecho de um documentário sobre o próprio narrador. Minha insatisfação, creio eu, veio do fato de ambas as versões sugerirem uma resolução definitiva para a história – a primeira absolvendo o narrador ao permitir sua partida e a segunda o condenando ao fracasso. Na terceira e mais recente versão, o desfecho ocorre durante a festa de revitalização do calçadão, que coincide com a reeleição do candidato à prefeitura. Embora eu ainda tenha dúvidas, este final me parece mais interessante, pois é o único que não define o destino do narrador. Ainda preciso de mais tempo e de leitores externos para identificar os erros e acertos e, sobretudo, para avaliar se vale a pena insistir nessa obra. Achei que, ao entregar o manuscrito no prazo estipulado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, o livro estaria finalmente concluído. Porém, agora, percebo que o verdadeiro jogo está prestes a começar.

## 10 TEXTOS “A CASA” E “INVENTÁRIO DE MIUDEZAS”, ESCRITOS PELA MINHA ALUNA DE ESCRITA CRIATIVA M.

### 10.1 A CASA

A casa está lá no alto. Só se chega subindo os degraus entre paredes de pedra estreitas que levam ao primeiro patamar. Lembro de ficar ali olhando a avenida larga e arborizada que se estende até onde a vista alcança. A porta estava sempre aberta. Na minha infância, a casa tinha cores berrantes, paredes laranjas e janelas e portas verdes. Um dia alguém resolveu colocar uma cor mais ao estilo reservado dos moradores. As janelas verdes permaneceram, ficaram mais harmoniosas com as paredes, agora brancas. Era uma casa de madeira de araucárias, abundantes na época da construção.

A porta que estava sempre aberta era a da cozinha. Se chegássemos ali cedo pela manhã, o cheiro do café e do pão quentinho no fogão à lenha nos convidava para sentar à mesa. Pelas 10 horas começava a movimentação para fazer o almoço. O sol entrava pela janela e ajudava a esquentar aquele espaço movimentado, por onde todos circulavam e a vida acontecia.

Sigo para dentro, ouvindo o chão ranger. Quando a casa estava cheia, nem percebíamos o barulho da madeira se acomodando a cada passo. A tendência natural é seguir para a sala principal, a que leva para o quarto do vô e da vô. É para lá que vou. Dali se vê, novamente, a rua e as árvores da avenida. Fico um tempo ali. As cortinas de crochê já não enfeitam mais as janelas.

De repente, ouço a vô me chamando. Clara! “Me ajuda aqui. Pega a panela grande, por favor”. Me estico toda e já sei: dia de fazer geléia de goiaba. Lembro que o Seu Juraci havia chegado cedo trazendo o balde com as goiabas maduras. As mulheres se reúnem em torno da mesa para separar a polpa das sementes. Enquanto isso as crianças vão acordando e pedindo a mamadeira ou simplesmente chegam para dar um beijo gostoso na mãe, na vô e nas tias. Depois, elas saem para correr e brincar no pátio com os primos. O fogão à lenha, sempre aceso, o coração daquela casa. Ali ficava o panelão. Cozinhando durante horas, enchendo a casa toda daquele aroma doce.



## 10.2 INVENTÁRIO DE MIUDEZAS

Sentado no sofá, sobre a cama, dentro de um cesto, o Ratão segue percorrendo minha casa há 27 anos. Comprei para o Pedro, o primeiro sobrinho, brincar quando viesse aqui. É o marco de meu papel na família: a tia Clara.

A árvore da felicidade tá grande, quase chega no teto. Brinde de um casamento que já se desfez. Minha árvore segue de pé. Às vezes me descuido e ela esmorece. Nestes momentos, eu volto a lhe dar atenção. Adubo e podoo os galhos que não vingaram. Logo ela volta a exhibir novos brotos de felicidade. Nem sempre esses pequenos cuidados são suficientes. Há momentos em que é necessário mudar o vaso, mudar de casa.

As National Geographic são tua herança, sempre disse meu pai. Minha paixão pelas viagens veio dele. Pela fotografia também.

A chaleira me chama. Ainda bem. Essa não vai queimar depois da água acabar. E tem uma pedra. Mas ela não tá no meio do caminho. Tá na prateleira de baixo, junto com tantas outras que no meio do caminho estavam.

A rede é verde, como a cor da Amazônia, de onde ela veio.

*An Gottes Segen, ist alles gelegen* diz o quadro pintado por meu pai na juventude. Nunca entendi direito. A bênção de Deus está por toda parte. Ele acredita nisso. Eu não. Na parede, Mr. Bean com aquela cara bizarra de curioso, assustado, incrédulo. Não sei quem teve a ideia mais desconcertante, se Carol ao desenhar o Mr. Bean com essa expressão intrometida ou eu, ao colocá-lo ali, a me observar, enquanto faço xixi.

No descascado do teto do banheiro eu percebo traços da vida de meus vizinhos superiores.... em algum momento da história deles algo vazou de seus canos. Como percebemos na enchente de 2024, a água não obedece a ninguém. Ela percorre seus próprios caminhos, deixando suas marcas por onde passa e afeta principalmente aos que estão mais embaixo.

Toc-toc-toc. Tatu taí? Tatu não tá. Mas a mulher do Tatu tá. E a mulher do Tatu tando é como se o Tatu tivesse. Tatu é René. Tem muito tatu pela casa. Há tempos Tatu saiu e agora sei que não voltará mais.

Acordei na madrugada pensando em escrever sobre o tapete de crochê da sala. Era algo interessante que valia a pena trazer para o meu inventário de miudezas. Não anotei naquele instante de lucidez e pela manhã já não lembrava o que era. Seria sobre a circularidade espiralada e crescente? Ou sobre a mistura das lãs e linhas que estavam em isolamento social junto comigo na pandemia? Ou sobre as horas ouvindo notícias e entrevistas enquanto cada ponto se acrescia no tapete infindo. Talvez sobre as cores quentes que esquentam o frio deste inverno e combinam com o sofá. Não. Tenho certeza que era algo incrível, que retornou para o mundo dos sonhos e lá ficou.

Se você revirar algumas caixas que estão no fundo do armário, talvez encontre aquele caderno em que a menina de 12 ou 13 anos escrevia suas histórias, medos e frustrações. Uma vez achei esse caderno e resolvi relê-lo. A letra era bonitinha nos dias felizes e tranquilos, mas virava um garrancho nos dias de ansiedade e tristeza. Ao digitar no computador, perdi essa entonação da escrita.

## REFERÊNCIAS

- ANNAPURNA INTERACTIVE. WHAT REMAINS OF EDITH FINCH | Stories Trailer. Youtube, 3 de dez. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvkYOT-X2cY>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.
- BALANÇO BLACK. Direção: Flavio Frederico. Produção: Flavio Frederico e Eduardo Bidlovski. Kinoscópio, 2021. 28 min. Série. Brasil. Disponível em: Curta!On. Acesso em: 09 out. 2024.
- BARCINSKI, André. *Pavões Misteriosos: 1974-1983: A explosão da música pop no Brasil*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2014.
- BEN JOR, Jorge. *A Tábua de Esmeralda*. São Paulo: Philips, 1974.
- BEN JOR, Jorge. *África Brasil*. São Paulo: Phillips, 1976.
- BEN JOR, Jorge. *Ben*. São Paulo: Phillips, 1972.
- BEN JOR, Jorge. *Bidú: o silêncio no Brooklin*. São Paulo: Rozenblit, 1967.
- BEN JOR, Jorge. *Jorge Ben Jor - 18/12/1995*. Youtube, 29 de julho de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=L2yB\\_Uudwk0&t=1150s](https://www.youtube.com/watch?v=L2yB_Uudwk0&t=1150s). Acesso em: 25 set. 2024.
- BEN JOR, Jorge. *O negro é lindo*. São Paulo: Phillips, 1971.
- BEN JOR, Jorge. *Samba esquema novo*. São Paulo: Phillips, 1963.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Vol. 1 São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 197-222.
- BENSIMON, Carol. *Meus avós em ruínas*. Revista Piauí, 1 out. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/meus-avos-em-ruinas/>. Acesso em: 2 out. 2024.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 3ª ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DAVIS, Lydia. *Nem vem*. 1ª ed. Tradução de Branca Vianna. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FREITAS MENDES, M. (2019) FREITAS MENDES, MARTA. DAVIS, Lydia. *Nem vem*. Tradução de Branca Vianna. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 126 p. CADERNOS DE TRADUÇÃO, v. 39, p. 409-416, 2019.

GIANT SPARROW. *What Remains of Edith Finch*. Santa Monica: Annapurna Interactive, 2017. Videogame (Microsoft Windows, PlayStation 4, Xbox One, Nintendo Switch).

GODARD, Jean Luc. *Les années cahiers (1950 à 1959)*. Paris : Flammarion, 2007.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução: João Paulo Monteiro, revisão de tradução de Newton Cunha. 9. ed. rev. e atual. Perspectiva, 2019.

JAMESON, Fredric. *Reificação e utopia na cultura de massa*. Crítica Marxista, São Paulo, n. 1, p. 1-25. 1995.

KING, Stephen. *Sob a redoma*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. 1. ed. São Paulo: Suma de Letras, 2012.

LOURENÇO, João. *Uma simples descrição nunca é suficiente para abranger tudo*. Blog da Companhia, 2017. Disponível em:

<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Lydia-Davis-Uma-simples-descricao-nunca-e-suficiente-para-abranger-tudo9>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LUNA, Paulo. *No compasso da bola*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2011.

MAMET, David. *Os três usos da faca: sobre a natureza e a finalidade do drama*. Tradução de Paulo Reis. Civilização Brasileira, 2001.

NINTENDO. *The Legend of Zelda: Link's Awakening*. Kyoto: Nintendo, 1993. Videogame (Game Boy).

PAIVA, Carlos Eduardo Amaral de. *Black Pau: A soul music no Brasil nos anos 1970*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

PASOLINI, Pier Paolo. *O gol fatal*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 6 mar. 2005, p.4-5. [Tradução de Maurício Santana Dias; título original: Il calcio 'è' un linguaggio com i suoi poeti e prosatori].

PEREIRA, Moema Vilela. *Menor enorme: ensaios sobre o pequeno na literatura*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7704>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PIGLIA, Ricardo. *Teses sobre o conto*. In: Formas breves; tradução de João Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

PRUDENCIO, Rafael. *Algo se perdeu no meio da noite*. São Paulo: Patuá, 2024.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da palavra/Biblioteca Nacional, 2008.

SIGMUND, Freud. *A arte literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *O cancionista*. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

TCHÉKHOV, Anton. *Sem trama e sem final: 99 conselhos de escrita*. Tradução do italiano e do russo e notas, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIOLA, Kamille. *África Brasil: um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver*. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

WISNIK, J. M. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

# **As Glórias de Catarina**

**Rafael Prudencio**

Não sei como cheguei aqui. Quando dei por mim, já descia os degraus do ônibus com uma mochila nas costas. Não demorou até que eu percebesse que estava longe. Mas em vez de retornar, preferi permanecer. Não sei se preferi é a palavra certa, também não sei qual seria ela e se haveria alguma que exprimisse o porquê de eu ter permanecido. Claro que passou pela minha cabeça retornar, mas isso só aconteceu quando escutei o barulho do motor do ônibus, quando uma criança gordinha e com o cabelo arrepiado, o único passageiro que lembro ter enxergado, se ergueu em um dos bancos e me mostrou o dedo do meio. Ainda assim daria tempo. Eu poderia correr, mas apenas acompanhei o ônibus desaparecer. Naquele momento, a cidade era o guichê vazio, o espaço para o ônibus, o ruído da luz de um poste, o cheiro de pastel frito. Na saída da rodoviária, a cidade era um ponto de táxi, um caro branco empoeirado estacionado do outro lado da rua, um rádio ligado em volume muito alto. Aos poucos, a cidade se transformou em um jogo de futebol, com um segundo tempo acalorado: o lançamento imprevisível no campo de defesa, a furada deselegante do zagueiro, a oportunidade de ouro perdida pelo atacante.

No princípio, a cidade era uma névoa. Conforme eu avançava por ela, criando meu próprio caminho, tudo parecia se desfazer. Na rua, saindo das sombras de uma árvore, uma mulher anunciava cursos profissionalizantes. Ofegante, um homem oferecia perfumes com descontos imperdíveis. Mais adiante, uma mãe, com um olhar cansado, pedia apenas três e cinquenta para completar sua passagem de volta. Sentado em um banco, dois adolescentes, eufóricos, planejavam como ficariam muito loucos no finde. Enquanto isso, indo e voltando, a voz estridente do som de uma Saveiro preta repetia: “Funerária Santa Terezinha, uma mão amiga na hora da sua perda”. Sentei em um bar de esquina. Não demorou até que me perdesse em uma conversa que girava em torno do gol perdido na noite anterior. O que eu não contava era que o tempo poderia ser tão escorregadio a ponto de uma tarde inteira se transformar rapidamente em noite. Quando dei por mim, erreí o caminho da rodoviária e fui parar em um outro tempo da cidade.



Era um tempo de terrenos baldios, muito antes que o “progresso” chegasse com seus condomínios e asfaltos. Carros seminovos rebaixados desfilavam com o volume do som no máximo, os clássicos do funk vibrando nos alto-falantes, enquanto os pneus saltavam sobre as lombadas, rachando os paralamas. Um menino com uma camiseta do Inter e uma bola com os gomos descolando era acompanhado de outros meninos. Pedacos de madeira fincados no chão serviam de traves. Pés descalços, sujos de terra, deslizavam pela grama alta. À medida que a noite se aproximava, o barulho incessante dos gritos era abafado pelo chamado irritado de uma voz aguda e cansada. A mágica logo desapareceria, e o silêncio obediente que se seguiria era a certeza de que o jogo, a qualquer momento, terminaria.

– Eu tô livre, porra.

– Alô, pai?

Quero dizer que não tenho a mínima ideia do que estou fazendo aqui, mas só de pronunciar essas palavras, estaria confirmando que há algo errado comigo. Respiro fundo e digo:

– É uma viagem de trabalho – minha voz se esforçando para sair firme.

Do outro lado, ouço o som distante da minha mãe falando algo, o que me faz imaginar os dois ali, lado a lado, compartilhando o telefone. Consigo ver as sobrancelhas da minha mãe se arqueando em uma interrogação silenciosa.

– É uma viagem de trabalho – meu pai repete, com um tom diferente, desesperançoso.

Minha mãe assume o telefone enquanto meu pai sai de cena, provavelmente para ver uma panela no fogo. Há um momento de pausa, como se ela estivesse prestes a dizer algo importante. Mas, ao invés disso, ela recua. Depois do silêncio, a frustração. A pergunta que ela nunca faz, por medo de parecer invasiva com o filho, que nunca se abre, por medo de parecer vulnerável.

Muitos costumam dizer que a fronteira é o fim do mundo. Quem pega a estrada sabe que, quando parece que finalmente chegamos, ainda há um interminável trecho de chão batido, com o mesmo cenário: mato, vacas, cavalos, ovelhas. Os noticiários se apressam a listar os feitos da cidade: a maior produção de arroz do Brasil, o segundo maior rebanho de equinos do estado, um dos principais portos secos da América Latina, vinhos e espumantes premiados, um festival de música tradicionalista de renome, o melhor carnaval fora de época do país. Mas, para mim, a cidade é um começo. E nesse começo, vejo um menino pequeno demais para o caniço que carrega, à beira do Rio Uruguai, esperando, nervoso, algum lambari aparecer.

Lembro daqui como o lugar mais frio do mundo no inverno, mais quente do mundo no verão. Lembro de um homem armado a cavalo, cavalgando em silêncio, o olhar atento, como se guardasse um segredo dentro da mala de garupa. Lembro também das crianças, alheias ao perigo, jogando futebol no meio de uma estrada de chão, seus pés levantando poeira e correndo quando um carro surgia de repente e um gritava “olha o carro, olha o carro” e outro corria para tirar as traves feitas de madeira. E, claro, lembro dos mosquitos. Um verdadeiro exército deles, que, ao cair da tarde, tomava a cidade de assalto, como se ela lhe pertencesse.

Voltei algumas vezes para cá quando era criança. Porque sentia falta dos meus amigos da rua, porque gostava da aventura de ficar na casa de um familiar diferente, porque me divertia atravessando a fronteira para comprar bolachinhas sortidas, porque ia aos ensaios de carnaval da escola de samba do meu antigo bairro. Embora nunca tenha sido obrigado a voltar, sinto que, de alguma forma, meus pais transferiram para mim essa responsabilidade. Em ocasiões especiais, eu era o representante oficial da família. Lembro que fui a casamentos, aniversários, festas de formatura e até visitei parentes doentes. Aos poucos, a minha vez de não retornar chegou. Talvez fossem as treze horas dentro de um ônibus ou a minha adaptação à nova cidade. Nunca deixei de pensar no que seria de mim se não tivéssemos partido. Mas, agora, retornei. Depois de tanto tempo. Dessa vez, sou eu que faço a pergunta dos meus pais, mas não consigo responder.

– Por quê?